



DO CONSENSO PÓS-MODERNO AO DISSENSO POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO: UMA BREVE ANÁLISE

Acácio Nascimento Figueredo¹

GT 12: História da Educação

RESUMO

O trabalho ora proposto apresenta uma interpretação crítica da pós-modernidade no contexto da globalização da década de 1990 até os dias atuais. Neste sentido faremos uma breve análise utilizando os autores que, desenvolveram argumentos do consenso pós-modernos. Ao mesmo tempo faremos referência a autores que desenvolveram argumentos de um possível dissenso a área estudada. O objetivo desse texto é analisar o consenso pós-moderno, igualmente o dissenso possível na educação. Para tanto, o procedimento metodológico será a pesquisa bibliográfica. Como conclusão, o dissenso aqui apresentado é crítico, indagador da realidade atual, propenso a transformação dessa realidade no campo da utopia possível.

Palavras chave: Pós-modernidade. Educação. Globalização. História da educação.

ABSTRACT

This work presents a critical interpretation of post-modernity in the context of globalization from the 1990s to nowadays. In this regard, a brief analysis of the authors that had developed arguments of post-modern consensus will be made. At the same time, it is important to mention authors that have developed arguments of a possible dissensus from the studied field. The aim of this text is to analyse post-modern consensus, likewise the possible dissensus in education. For this purpose, the methodological procedure will be the bibliographical research. In conclusion, the dissensus presented in this work is the critical one, which questions the current reality, prone to the transformation of this reality in to the field of a possible utopia.

Key-words: Post-modernity. Education. Globalization. History of education.

¹ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. (1995-1999). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. (2000-2003). Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes. Professor de Pedagogia no curso de Licenciatura de Física no Instituto Federal de Sergipe – Campus – Lagarto. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa de História da Educação no Nordeste. GPHEN. CNPQ. Email - acacioian@zipmail.com.br.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a pós-modernidade revelam um consenso de pensamento, ideias, pressupostos epistemológicos sobre a compreensão da sociedade, no qual, o individualismo, a fragmentação das relações sociais, o caótico, e as relações fluidas são características reveladoras do mundo atual. O texto ora proposto busca analisar esse consenso, outrossim, desenvolve argumentos de um dissenso possível, contrário a perspectiva acima apresentada. Neste sentido cabe-nos a seguinte indagação: além do consenso pós-moderno é possível um dissenso crítico transformador?

Há uma tendência na atualidade de uma predominância do pós-moderno no campo cultural e educacional. Alguns dizem tal filme é pós-moderno, outros dizem tal prática pedagógica é pós-moderna, tal texto é pós-moderno sem de fato aprofundar tal conceito e situá-lo na história. Essa tendência remete a pesquisas e estudos desenvolvidos entre o final da década de 1970 até a atualidade. De modo mais evidente a partir da década de 1990 com o desenvolvimento do processo de globalização.

Através de uma pesquisa bibliográfica apresentamos estudos de autores que em certa medida tiveram como objeto o debate em torno da pós-modernidade. Ao mesmo tempo em que faremos referência no campo da educação; tais como: Boaventura Santos de Souza, Anthony Guiddens, David Harvey, Edmund Baumam, Fredrich Jameson, Paulo Freire, José Luiz Sanfelice, Sérgio Castanho e Angela Maria Souza Martins. Os autores acima referidos foram apresentados por serem referências no estudo aqui trabalhado.

No âmbito da construção do conhecimento científico remete a necessidade de fundamentos teóricos e práticos que possam contribuir na apreensão crítica, seja do conjunto da sociedade, seja no campo cultural, da arquitetura, das artes. Esse texto propõe-se, portanto atender a essa finalidade, articulando com as pesquisas educacionais.

1 – O Consenso Pós-Moderno

Procuramos aferir que há um conjunto de argumentos, o qual estabelece um consenso de ideias, de pensamentos no âmbito cultural, científico, educacional etc, o qual denominamos de pós-modernidade.. Neste sentido apresentamos as seguintes indagações: o que é pós-modernidade? Qual o processo histórico da pós-modernidade? Quais os conceitos empregados a análise pós-moderna? Não pretendemos chegar a conclusões fechadas, faremos apenas uma breve exposição do objeto aqui estudado, dado o limite desse trabalho.

A compreensão sobre a pós-modernidade requer uma compreensão de ciência pós-moderna. Inicialmente destacamos os argumentos de Boaventura de Souza Santos no seu trabalho ‘Introdução a uma ciência pós-moderna’. Neste trabalho, o autor infere “Nos trabalhos

anteriores conclui que nos encontramos numa fase da crise da degenerescência e que ela determina o tipo de reflexão epistemológica a ser privilegiado. A crise da ciência é, assim a crise da epistemologia”. (SANTOS:1989,p.19).

Mais adiante o autor propõe a ruptura epistemológica para superar uma concepção de ciência neutra e fechada. A propósito a essa assertiva Boaventura de Sousa Santos observa,

O positivismo lógico representa o apogeu da dogmatização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado da representação do mundo [...] A concepção de ciência pós-moderna aqui proposta insere-se no movimento de desdogmatização da ciência que acabei de descrever. (SANTOS:1989,p.22)

Essa desdogmatização pressupõe mudanças de compreensão da ciência, mudanças de atitude dos pesquisadores voltados à crítica do modo de fazer científico. A esse respeito o filme ‘Ponto de Mutação’ dirigido por Bernt Amadeus Capra é revelador quando um poeta, um político e uma cientista da Física Quântica dialogam sobre os grandes problemas da humanidade e sobre as próprias crises existenciais que estavam vivendo. Nesse diálogo a cientista levantou questionamentos sobre o objetivo da ciência, sobre sua funcionalidade, sobre a necessidade da construção de novos paradigmas da ciência diferente do paradigma mecânico e fragmentado. A cientista mostra a necessidade de um paradigma científico que privilegie a totalidade das coisas, dos sistemas, do mundo.

Em relação a esta ruptura epistemológica Boaventura de Souza Santos observa

É nesses termos que se concebe o reencontro da ciência com o senso comum. Essa concepção pode formular-se do seguinte modo: uma vez feita a ruptura epistemológica, o ato epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica. SANTOS (1989,p.36).

Boaventura remete a uma epistemologia crítica, aberta que supere o modo de conceber o conceito de ciência demasiado estreito do paradigma mecânico das ciências naturais, bem como sua influência no campo das ciências sociais. Corremos o risco de incorrer em definições que necessite maiores aprofundamentos, entretanto nesse trabalho apenas apresentamos indagações no debate em torno da ciência e da modernidade. Certamente mais a frente quando colocarmos o debate em torno do dissenso será explicitado o nosso modo de conceber a ciência e a pós-modernidade que segundo nossos pressupostos jamais poderá ser neutros. Não existe ciência neutra, nem tampouco pós-modernidade neutra, existe uma concepção de ciência, de pós-modernidade, de vida e de mundo.

Nesta direção Anthony Giddens no seu trabalho ‘As consequências da modernidade’ desenvolveu argumentos sobre a modernidade e a pós-modernidade que consideramos importantes. A pergunta em que consiste a modernidade? Quais as críticas da pós-modernidade? Giddens ao mesmo tempo, que faz uma crítica dos fundamentos dos clássicos das Ciências Sociais Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber; traz novos conceitos como riscos, peritos e confiança que possibilita uma compreensão da modernidade diante do contexto social e econômico do início dos anos de 1990, outrossim, com a análise da globalização questiona os fundamentos da pós-modernidade e propõe uma utopia realista.

Sobre a análise da pós-modernidade considera:

Devo analisar a pós-modernidade como uma série de transições imanentes afastadas – ou “além” dos diversos feixes institucionais da modernidade que serão distinguidos ulteriormente. Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas [...] Nos termos desta análise, podemos facilmente ser visto porque a radicalização da modernidade é tão perturbadora, e tão significativa. Seus traços mais conspícuos – a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente – nos levam a um novo e inquietante universo de experiência. Se o “nós” aqui ainda se refere primariamente àqueles que vivem no próprio Ocidente – ou, mais precisamente, nos setores industrializados do mundo – é algo cujas implicações são sentidas em todas as partes. GIDDENS (1991, p.58).

Giddens possibilita um novo olhar institucional da modernidade capaz da compreensão do mundo atual. Como observado acima os conceitos desenvolvidos estão intrinsecamente vinculados ao industrialismo e à globalização. Já no início dos anos 1990 trazia ideias que ainda hoje são relevantes, haja visto o processo de globalização do mercado em curso que inclusive determina as políticas sociais. Mesmo com a mudança de rumo na economia com o avanço da China, podemos aferir que as interpretações desse autor mostram-se atuais.

Sobre o consenso pós-moderno propriamente faremos referência a autores como David Harvey, Zigmunt Baumam, os quais fundamentam um conjunto de argumentos no campo das artes, da arquitetura, entre outros campos de conhecimento.

David Harvey quando ilustra a importância da pós-modernidade considera-a como uma ruptura com as verdades absolutas e com sistemas fechados de pensamento. Segundo este autor:

Geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas. O pós-moderno em contraste privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do

discurso cultural. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais e totalizantes são marcos do pensamento pós-moderno. (HARVEY:1996,p.19).

Esse autor cita Eagleton para ilustrar a finalidade do pós-modernismo que seria, “a rejeição das metanarrativas (interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal)”. Rejeição, portanto dos autores clássicos da modernidade no âmbito das Ciências Sociais como Marx, Durkheim e Weber. Assim como as escolas do iluminismo, seja no âmbito da arte, seja no âmbito da arquitetura. Neste sentido segue suas assertivas, particularmente no campo da arquitetura;

No campo da arquitetura e do projeto urbano, considero o pós-modernismo no sentido amplo como uma ruptura com a ideia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de largas escalas, de alcances metropolitanos, tecnologicamente racionais e eficientes [...] Ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, todos infundidos de um sentido de efemeridade e de caos, são, talvez, os temas que dominam as atuais práticas de arquitetura e do projeto urbano. (HARVEY:1996, p.96).

Certamente David Harvey discordava da obra de Oscar Niemeyer, o qual teve influência do modernismo de Le Corbusier. Segundo Wikipedia:

Nascido no Rio de Janeiro, Niemeyer estudou na Escola Nacional de Belas Artes atual (UFRJ) e durante seu terceiro ano estagiou com Lucio Costa, com quem acabou colaborando no projeto para o Ministério de Educação e Saúde, no Rio de Janeiro. Contando com a presença de Le Corbusier, Niemeyer teve a chance de trabalhar junto com o mestre suíço, sendo ele uma grande influência em sua arquitetura.

Essa referência é essencial para fins desse trabalho, pois no Brasil e no mundo ainda hoje, sua obra são importantes para o conhecimento da brasilidade como as construções de Brasília, o centro do poder político nacional como o congresso nacional, o supremo tribunal federal o palácio da alvorada e o palácio do planalto além da igreja que é uma obra de arte. Partindo desse exemplo podemos perceber que a obra moderna tende a ser universal lembrada de geração a geração e constrói significados que se perpetuam durante o tempo. Remete aqui a categoria da totalidade e da contradição presente na lógica dialética marxista, sob a qual é contrária a perspectiva pós-moderna que se baseia na fragmentação, na narrativa do tempo presente, no que é líquido, escorregadio.

Sobre a os fundamentos marxistas, destacamos a tentativa de David Harvey fazer uma revisão no materialismo histórico.

Foi necessária uma concepção propriamente dinâmica, em vez de estática, da teoria e do materialismo histórico para apreender a significação dessas mudanças. Dentre as áreas de maior desenvolvimento, eu relaciono quatro: o tratamento da diferença e da “alteridade”; um reconhecimento de que a produção de imagens e de discurso é uma faceta importante; um reconhecimento de que a produção de espaço e tempo são relevantes; e, o materialismo histórico-geográfico é um modo de pesquisa aberto e dialético, em vez de um corpo fixo e fechado de compreensões. (HARVEY:1996:p.321).

Nessa obra David Harvey buscou desconstruir as verdades absolutas, assim entendidas por ele, desenvolvidas pela modernidade no âmbito das Ciências Sociais. Fez uma análise histórica e privilegiou o pós-modernismo como um conjunto de ideias que fundamentam a fragmentação, o caótico, e a ruptura como possibilidade de mudanças culturais

As análises de Zigmunt Baumam pretendem ensejar ideias, argumentos que revelaram desde o final da década de 1990 as mudanças de rota da ciência. Zigmunt Baumam quando define modernidade líquida, procura conceituar o que seja fluido, próprio estado do líquido, contrário a sólido. Para Zigmunt Baumam (2001:p.8).

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem” [...] Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. [...] O tipo de modernidade que era alvo, mas também o quadro cognitivo, da teoria crítica clássica, numa análise retrospectiva, parece muito diferente daquele que enquadra a vida das gerações de hoje. Ela parece “pesada” (contra a “leve” modernidade contemporânea); melhor ainda, “sólida” (e não “fluida”, “líquida” ou “liquefeita”; condensada (contra difusa ou “capilar”; e, finalmente “sistêmica” (por oposição a “em forma de rede”) [...] Essa modernidade pesada/sólida/condensada/sistêmica da “teoria crítica” era impregnada da tendência ao totalitarismo.

[...] A sociedade que entra no século XXI não é menos ‘moderna’ que a que se entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. Duas características, no entanto, fazem nossa situação – nossa forma de modernidade – nova e diferente. A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um telos alcançável da mudança histórica [...] A segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”). A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna (BAUMAM:2001,p.33-39).

O texto de Zigmunt Baumam “A modernidade líquida” propõe-se a ser uma crítica à modernidade estabelecida pelos clássicos da sociologia e seus fundamentos sólidos, os quais, segundo o autor não correspondem mais a compreensão do mundo de hoje. Ilustra os efeitos negativos da globalização, no entanto torna-se defensor da individualização consumista.

Zigmunt Bauman, e David Harvey procuraram desenvolver seus argumentos voltados a consolidação de ideias, pensamentos, conclusões teóricas, as quais se não compreendidas no seu limite, nosso pensar e fazer como intelectuais, educadores e seres humanos restringem a uma individualização de nossas práticas. A propósito cabem as seguintes indagações: Nosso fazer e pensar é individual, ou é definido pela vida social? Somos seres consumidores, ou também somos produtores de cultura, de ciência? Fazemos essas indagações por não compreender a ciência, como algo fatalista, como se a realidade não fosse complexa, capaz de mudanças. Sabemos que em linhas gerais vivemos no mundo com características fragmentárias, caóticas, líquidas, própria para a atualidade. Entretanto a solidez apresentada da modernidade pelos autores acima referenciados, entendemos como negação dos conceitos, fundamentos dos autores clássicos da ciência social. Claro que não cabe aqui uma extensa análise, apenas procuramos demonstrar nosso entendimento casual sobre o objeto de estudo aqui empreendido.

2. Aspectos Essenciais do Dissenso Possível na Educação.

Sobre o que arriscamos inferir acima, antes mesmo da análise no campo da educação, acreditamos ser essencial ir ao âmago da pós-modernidade. Para tanto trazemos a análise de Fredric Jameson na sua obra 'Pós Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio'. Esse autor quando analisa o pós-modernismo expõe:

A teoria do pós-modernismo parece ser necessariamente imperfeita ou impura; no caso [...] Se é possível, como na prova de Gödel, demonstrar a impossibilidade lógica de uma teoria internamente coerente do pós-modernismo – um antifundacionismo realmente livre de todo fundamento, um não-essencialismo sem um menor vestígio de uma essência - isso é uma questão especulativa. A resposta empírica é que nenhuma teoria com essas características apareceu até agora – todas replicam, já no próprio título, uma mimésis do modo como são parasitárias de outro sistema (no mais das vezes do próprio modernismo), cujos traços residuais, assim como valores e atitudes inconscientemente reproduzidos, tornam-se, então, indicações preciosas da impossibilidade de emergência de uma cultura totalmente nova. Apesar do delírio de alguns dos seus celebrantes e apologistas (cuja euforia, no entanto, é, em si mesma, um interessante sintoma histórico), uma cultura verdadeiramente nova somente poderia surgir através da luta coletiva para se criar um novo sistema social. A impureza constitutiva de toda teoria do pós-modernismo (assim como o capital, ela tem que manter uma distância interna de si mesma, tem que incluir o corpo estranho de um conteúdo alheio) confirma, então, um dos achados da periodização que precisa sempre ser reiterado: o pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova (sob o nome de sociedade pós-industrial, esse boato alimentou a mídia por algum tempo), mas é apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo. JAMESON (1997, p.16-18).

Consideramos o texto de Jameson muito elucidativo. Particularmente acreditamos que traz o cuidado em apreender o processo histórico na atualidade. Ele faz atentar para a necessidade de conhecer o processo, os fatos sociais, políticos, econômicos, estéticos e diria educativo de cada época. Essa obra, particularmente, é essencial, na medida em que com base em fontes históricas e uma acuidade disciplina no uso dos conceitos mostra que, as mudanças decorrentes dos processos culturais já apresentadas na década de 1990 não alteraram o sistema social, mas aconteceram e continuam a acontecer nos processos diretamente ligados no interior do capitalismo. Apenas o capital que cria novas formas de consumo.

Após a análise do dissenso pós-moderno acima apresentado, faremos referência do dissenso no campo da educação, objeto principal desse subitem. Finalizamos com o debate em torno da história cultural e história da educação.

É com recusa ao pragmatismo neoliberal que Paulo Freire se rebela e produz seus pressupostos pedagógicos. Em ‘Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos’, Paulo Freire mostrou sua inquietude como intelectual e político por não conceber uma educação neutra. A esse respeito, enquanto educador e intelectual, contrário a um determinismo mecânico afere:

Em nome da natureza humana, de que tanto falei, me rebelo, contra esse “pragmatismo” amesquinizador e afirmo a prática educativa que, coerente com o ser que estamos sendo, desafia a nossa curiosidade crítica e estimula o nosso papel de sujeito de conhecimento e da reinvenção do mundo. Esta no meu entender, é a prática educativa que vem sendo exigida pelos avanços tecnológicos que caracterizam o nosso tempo. Despolitizando a educação e reduzindo-a ao treino de destrezas, a ideologia e a política neoliberais terminam por gerar uma prática educativa que contradiz ou obstaculiza uma das exigências fundamentais do próprio avanço tecnológico. A de como preparar sujeitos críticos capazes de responder com presteza e eficácia a desafios inesperados e diversificados. O de que precisamos, contudo, é algo mais do que isto. Precisamos, na verdade, de saber técnico, com o qual respondamos a desafios tecnológicos. Saber que se sabe compondo um universo maior de saberes. Saber que não estranha legítimas perguntas a serem feitas em torno dele: em favor de que ou de quem ; contra que, ou contra quem é usado. Saber que não se reconhece indiferente à ética e à política, mas não à ética do mercado ou à política dessa ética.. FREIRE 2000, p.123).

Essas indagações são essenciais no que se refere à natureza específica da educação. Suas análises são coerentes, vista na sua totalidade, em que o sonho, a utopia e a História têm uma vinculação efetiva com a concepção de educação. Educação como treinamento é fatalista, nega o sonho, nega a história, limita o processo de formação do indivíduo na sociedade. Seus pressupostos são essências à crítica de ideólogos neoliberais da educação em

que separa o processo educativo, do processo social mais abrangente. Em que a prática educativa é prática de treinamento.

A propósito, a relação entre globalização, neoliberalismo e pós-modernidade é analisada por José Luis Sanfelice. Esse autor atento ao processo histórico que se construiu essas relações, deixou claro que as mesmas advém do mesmo caminho, isto é, por formas diferentes emergem ideias comuns que levam a consolidação da manutenção da estrutura social vigente. A esse respeito Sanfelice afere;

Seriam inúmeras as relações a se estabelecer entre as concepções e práticas vigentes na educação hoje e a ideologia neoliberal, as relações destas com a globalização e, por sua vez, as relações de todas elas com a pós-modernidade – entendida, já dito, como sinal cultural de um novo estágio na história do modo de produção reinante. Não é possível, entretanto, fazê-lo de forma mais ampla no momento, mas fica o desafio para que a continuidade da reflexão torne cada vez mais evidente de que essas relações de fato existem. A educação não está imune às transformações da base material da sociedade, hoje em processo de globalização e, ao mesmo tempo, não está imune à pós-modernidade cultural que as sinalizam. SANFELICE (2009, p.11).

As considerações acima apresentadas possibilitam uma compreensão crítica do atual momento que estamos vivendo. Os estudos de conceitos e do processo real e histórico possibilitam uma melhor compreensão inerente ao estudo aqui desenvolvido. O dissenso apresentado aqui diz respeito às ideias, concepções, interpretações divergentes a maneira de interpretação pós-moderna e em linhas gerais da História Cultural produzida no âmbito da História da Educação aqui no Brasil. Queremos inferir que tal dissenso pressupõe o aprofundamento científico, gnosiológico e filosófico em nossos estudos e pesquisas no âmbito da educação. Sobre esse aspecto. Sérgio Castanho (2006, p. 143-151), consegue trazer os fundamentos essenciais, o que se segue,

Gostaria de esclarecer que aceito a história cultural como legítima, não que toda história seja cultural, como pretendem os que a tomam em sentido substantivo, como sinônimo de “a” história, mas em sentido adjetivo, que admite a possibilidade de uma história do âmbito cultural com relativa autonomia. Que fique bem claro: relativa autonomia. Emprestar-lhe absoluta autonomia seria desvinculá-la das determinações materiais que lhe conferem realidade. Mas em contrapartida, evito também trazê-la o tempo todo a reboque de raízes econômicas, numa redução da determinação material à determinação econômica (economicismo) que não estava nem no pensamento dos “pais fundadores” do marxismo nem dos seus mais lúcidos continuadores. Posiciono-me, portanto, na vertente da história cultural a que anteriormente denominei de contextualista. Vejo em seu objeto a cultura, indisfarçável materialidade, de tal forma que me identifico com o materialismo cultural de Raymond Willians.

Esse autor no exercício constante da lógica dialética marxiana, coerente com sua interpretação analítica mostra a necessidade que os pesquisadores do campo educacional têm

de está fazendo a autocrítica das transformações recorrentes na sociedade, na história e na educação. A esse respeito observa,

Já vimos como o marxismo de um Thompson, por exemplo, ao defrontar-se com uma nova questão para a qual os velhos instrumentos não davam conta, acabou por rever-se, por reformular-se, encontrando novos caminhos. O mesmo seguramente deverá ocorrer com a história da educação, se o enfoque quiser dar conta de outras questões além das extremamente válidas e importantes, do pensamento pedagógico e da política educacional.

Sergio Castanho no final do texto destaca que seu trabalho levou em consideração o levantamento historiográfico dos textos publicados, especialmente no Brasil. Esse levantamento certamente contribuirá para a ampliação do objeto de estudo aqui desenvolvido. Esse exercício constante de atualizar os novos problemas e os novos objetos investigativos é de fundamental importância para que nossas pesquisas não apenas reproduzam o que já está colocado pela comunidade científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do exposto nesse texto trazemos o cordel intitulado ‘Que será da humanidade do ano dois mil pra frente?’ de Pedro Amaro do Nascimento, o qual, acreditamos ser pertinente à análise aqui empreendida.

O planeta vem passando
 Por um clima de terror
 Sequestro, vingança e dor
 A guerra se espalhando
 A violência aumentando
 Uma política indecente
 O desemprego ascendente
 E a fome em totalidade
 Que será da humanidade
 Do ano dois mil pra frente?
 É grande a evolução
 Nas ideias faraônicas
 Teorias supersônicas
 Celular, televisão
 Informática, divisão
 Misseis para matar gente
 Com radar inteligente
 Que destrói qualquer cidade
 Que será da humanidade
 Do ano dois mil pra frente.

Limitamos a essas estrofes por entender que as mesmas são suficientes a fim da natureza desse trabalho. A sabedoria da cultura popular, própria do saber crítico do senso comum, ou do bom senso do senso comum, como diria Gramsci, contribui ao desenvolvimento do conhecimento científico. Mesmo não tendo a profundidade e a rigorosidade necessária próprio do conhecimento científico traz ideias, reflexões importantes a compreensão da vida e do mundo que apontam caminhos, iluminam novas ideias e explicitam a vida concreta em que vivemos.

O texto ora proposto desenvolveu argumentos, inicialmente voltados a um consenso pós-moderno de compreensão da vida social. A análise apresentada no primeiro subitem “o consenso pós-moderno” estabeleceu um diálogo crítico com os autores referenciados. No segundo subitem “aspectos essenciais do dissenso possível na educação” trouxe uma perspectiva crítica do pós-modernismo e, sua relação com o campo educacional.

Situa-se na complexidade de vincular o campo de estudo da cultura, com o campo de estudos da educação. Bem como da história cultural, com a história da educação. Ressaltamos que não pretendemos encerrar o estudo aqui empreendido haja vista a diversidade dos trabalhos já produzidos sobre esta temática.

Concluimos com a impressão de ter alcançado o objetivo proposto por este trabalho, isto é, desenvolver argumento do consenso pós-moderno, e ao mesmo tempo contribuir a um dissenso possível na educação. Nossa compreensão pelo fenômeno educacional parte de um processo aberto em construção, diferente de abordagens que o único critério é a defesa de um pensamento único. O dissenso aqui apresentado é crítico, indagador da realidade atual, propenso a transformação dessa realidade no campo da utopia possível. Não acreditamos que a vinculação entre ciência e senso comum, história cultural e história da educação, a materialidade das coisas e os fundamentos teóricos seja possível sem uma base epistemológica crítica, sem a lógica dialética do concreto como diria Karel Kosik.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- CASTANHO, Sérgio E. M. Questões teórico-metodológicas de História Cultural IN: **História, cultura e educação** / José Claudinei Lombardi; Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Lívia Diana Rocha Magalhães (orgs). – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker – São Paulo: Editora UNESP, 1991. (Biblioteca básica).
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996).
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio.** 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LOMBARDI, José Claudinei. História, cultura e educação: aportes marxistas. IN: **História, cultura e educação** / José Claudinei Lombardi; Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Lívia Diana Rocha Magalhães (orgs). – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).
- MARTINS, Angela Maria Souza. Educação e história cultural. Algumas reflexões teóricas. IN: **História, cultura e educação** / José Claudinei Lombardi; Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Lívia Diana Rocha Magalhães (orgs). – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).
- NASCIMENTO, Pedro Amaro do. **Que será da humanidade do ano dos mil pra frente?** Estrofes em decassílabos. Aracaju. Prefeitura de Aracaju, 2002
- SANFELICE, José Luis. Pós-Modernidade, Globalização e Educação. IN: LOMBARDI, José Claudinei (Org). **Globalização, Pós Modernidade e Educação: história, filosofia e temas transversais.** 3ª Ed. – Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 2009. – (Coleção educação contemporânea).
- SANTOS, Boaventura de Souza Ciência e senso comum. IN: **Introdução a uma ciência Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.17-45.